

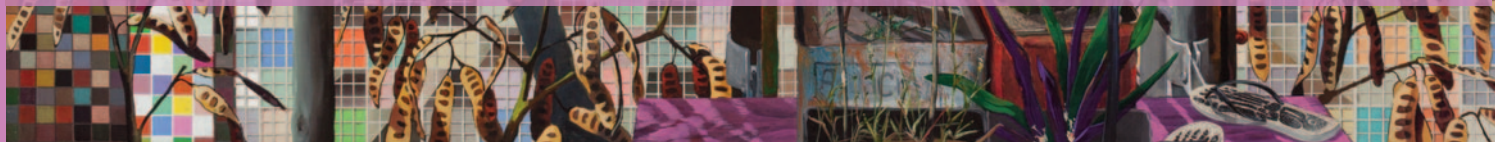
OXIGÊNIO

O

NÚMERO 58



PAISAGENS RUMINADAS DE LUIZ ZERBINE NO CCBB RJ



EDITORIAL

UMA EDIÇÃO, MUITOS DESTAQUES

A primeira retrospectiva de Luiz Zerbini, *Paisagens Ruminadas*, que será inaugurada no dia 19 de junho, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, é apenas um dos destaques dessa edição. Com 140 obras, algumas delas nunca exibidas, a mostra oferece ao público a possibilidade de mergulhar no universo do processo criativo de Zerbini, um dos maiores expoentes da Geração 80 da arte brasileira, para quem “*viver é ruminar paisagens*”.

Outros dois grandes nomes da arte brasileira do século XX, Amilcar de Castro e Burle Marx, também figuram nas páginas da Oxiênio. E não é para menos! A partir do dia 4 – data que marca os 30 anos da morte do mestre do paisagismo – trinta esculturas de Amilcar de Castro aportam no Jardim Burle Marx, no Eixo Monumental de Brasília, estabelecendo um verdadeiro Diálogo de Gigantes. A iniciativa é do Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura (IPAC).

No mundo das artes cênicas, quatro grandes espetáculos, no Rio e em São Paulo: *As Aves da Noite*, de Hilda Hilst; *As Crianças*, de Lucy Kirkwood; *Fim de Partida*, de Samuel Beckett com direção de Eid Ribeiro, que celebra 80 anos; e *Língua* – peça que leva à cena uma trama criada em português e em Libras para refletir sobre os impasses de comunicação universais.

Tem ainda festival de cinema em Curitiba; *Floresta Botânica* dentro de uma galeria de arte; *Brasil Virtual* no Canal Curta; a arte de um belo passeio em Amsterdã...

Boa Leitura!

Capa: Luiz Zerbini, *Concrete Jungle*, 2011 – Foto: Divulgação

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Maurette Brandt

ÍNDICE

04

OXIGENE: *As Aves da Noite*, de Hilda Hilst, nos teatros Arthur Azevedo e Paulo Eiró, SP | *As Crianças*, da inglesa Lucy Kirkwood, no Teatro Tom Jobim, no Jardim Botânico, RJ | Espetáculo *Eu sou um monstro* reestreia no Teatro Vivo, SP | CCBB Rio celebra 80 anos do icônico diretor mineiro Eid Ribeiro com nova encenação de *Fim de Partida* de Samuel Beckett | *Língua*

16

MATÉRIA DE CAPA: *Paisagens Ruminadas*, de Luiz Zerbini

23

Diálogo de gigantes na data do 30º aniversário de morte de Burle Marx

26

Num Instante, mostra de Fernanda Gontijo em Belo Horizonte

29

Até onde marca, de Mariana Katona, no Centro Cultural Correios RJ

32

Pietrina Checcacci – *Carnação e Táticas do Corpo*

37

Nas lentes de Sergio Zalis, um novo olhar sobre dois parques, ícones das cidades do Rio de Janeiro e de Haia

41

TrianguLAR, com Roma Drumond, Pedro Tebyriçá e Antonio Tebyriçá

44

A cidade não sabe seu nome na Oá Galeria, Vitória, ES

47

Pinacoteca Botânica, na Galeria Anita Schwatz, RJ

50

Brasil Visual

54

Olhar de Cinema descaca obras de Hou Hsiao-hsien, um dos cineastas mais influentes dos últimos 40 anos

57

DIRETO DE AMSTERDÃ: Peguei um trem amarelo e prata com a arte na cabeça e fui até Amsterdã!



Foto: Priscila Prade

AS AVES DA NOITE, de Hilda Hilst, em apresentações gratuitas nos Teatros Arthur Azevedo e Paulo Eiró, SP

O espetáculo *As Aves da Noite*, drama teatral escrito por Hilda Hilst há 55 anos, terá apresentações gratuitas em São Paulo, nos teatros Arthur Azevedo e Paulo Eiró, entre os dias 6 e 16 de junho. A encenação, que se passa em Auschwitz, tem direção de Hugo Coelho e elenco formado por Marco Antônio Pâmio, Marat Descartes, Regina Maria

Remencius, Rafael Losso, Walter Breda, Fernando Vítor, Marcos Suchara, Wesley Guindani e Heloisa Rocha. Vencedor do Prêmio APCA de Melhor Espetáculo Virtual, em 2022, o projeto foi contemplado pela 17ª Edição do Prêmio Zé Renato, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

O enredo da peça parte da história real do padre franciscano Maximilian Kolbe que se apresentou voluntariamente para ocupar o lugar de um judeu sorteado para morrer no chamado “porão da fome”, em um campo de concentração nazista de Auschwitz. Segundo o diretor Hugo Coelho, *“esta é uma versão contemporânea do texto de Hilda. Não é uma reconstituição de Auschwitz, partimos de lá. O espetáculo é um grito contra a barbárie, contra o fascismo que usa a violência como instrumento de ação política”*.

No *porão da fome*, a autora coloca em conflito os prisioneiros condenados a morrer na cela: o Padre, o Carcereiro, o Poeta, o Estudante e o Joalheiro, que são visitados pelo Oficial da SS, pela Mulher que limpa os fornos e por Hans, o ajudante da SS. Na montagem, eles aparecem isolados, confinados em gaiolas como um signo, uma alusão à prisão onde a história se passa.

“A primeira coisa que os governos totalitários e ditatoriais fazem ao prender alguém é destituí-lo de sua dignidade e submetê-lo ao sofrimento extremado, e isso os nazistas fizeram com requintes inimagináveis de crueldade”, comenta Hugo Coelho. Segundo ele, a proposta de concepção de Hilda Hilst é muito clara, colocando as personagens em estado de reflexão sobre suas próprias condições no confinamento. A leitura que a autora faz dos aspectos éticos e humanos passam por questionamentos sobre Deus, sobre o mal e sobre a crueldade.

Nos diálogos estão o embate entre a vida e o que lhes resta, os devaneios entre o desespero e o delírio. O poeta declama como se morto estivesse, o estudante sonha com outro tempo, o joalheiro ainda se lembra da magnitude das pedras, a mulher é humilhada em sua condição inferior. O Carcereiro, mesmo sendo um condenado, ironiza a condição dos demais e os trata com escárnio; o SS os chama de porcos e os agride, enquanto o estado de de-

bilidade emerge da vida e da já não existência desses humanos subjugados.

A montagem de *As Aves da Noite* busca elucidar a humanidade contida no texto, mergulhando nas possibilidades inesgotáveis do drama para emergir na poética da tragédia. *“O discurso racional não dá conta da realidade. A arte tem o papel de traduzir esse discurso como uma segunda realidade que passa pela razão, mas também pelo sensorial e pela emoção”*, reflete o diretor.

*“Com As aves da Noite,
pretendi ouvir o que foi dito
na cela da fome, em Auschwitz.
Foi muito difícil.
Se os meus personagens
parecerem demasiadamente
poéticos é porque acredito
que só em situações
extremas é que a poesia
pode eclodir viva, em verdade.
Só em situações extremas
é que interrogamos esse grande
obscuro que é Deus,
com voracidade, desespero
e poesia”*.

Hilda Hilst (1930-2004)

As Aves da Noite, idealizada pelo produtor Fábio Hilst, teve sua primeira temporada apresentada virtualmente, devido à pandemia da covid-19. Foi gravada em vídeo, 80 anos após a morte de Maximilian Kolbe, exatamente no momento em que o mundo vivia uma experiência de confinamento. Kolbe morreu em Auschwitz, em 1941, e foi canonizado em 1982, pelo Papa João Paulo II. São Maximiliano é considerado padroeiro dos jornalistas e radialistas e protetor da liberdade de expressão.

SERVIÇO

As Aves da Noite

Duração: 75 min | *Gênero:* Drama | *Classificação:* 16 anos

Ingressos:

Gratuitos – Bilheterias dos teatros, 1h antes das sessões

Ingressos antecipados: Sympla – www.sympla.com.br

Teatro Arthur Azevedo

Av. Paes de Barros, 955, Alto da Mooca, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2604-5558

Capacidade: 349 lugares

De 6 a 9 de junho

quinta a sábado, às 21h, e domingo, às 19h

De 14 a 16 de junho

sexta e sábado, às 21h, e domingo, às 19h

09/06 (domingo) – Intérprete de Libras, audiodescrição

e bate-papo com o público

Teatro Paulo Eiró

Avenida Adolfo Pinheiro, 765, Santo Amaro, São Paulo / SP

Tel.: (11) 5546-0449

Capacidade: 467 lugares

De 20 a 23 de junho

quinta a sábado, às 21h, e domingo, às 19h

De 28 a 30 de junho

sexta e sábado, às 21h, e domingo, às 19h

23/06 (domingo) – Intérprete de Libras, audiodescrição

e bate-papo com o público

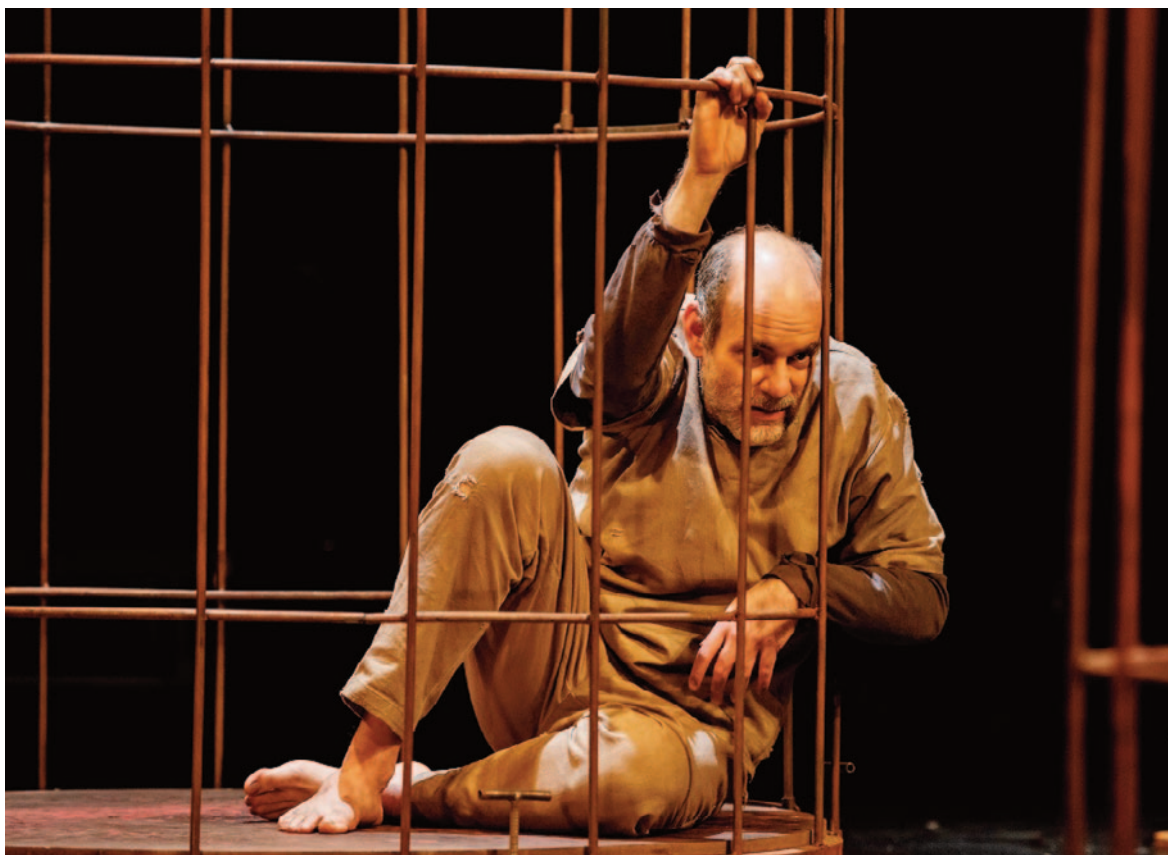


Foto: Priscila Prade

“AS CRIANÇAS”,
da inglesa Lucy Kirkwood, no Teatro Tom Jobim
– Jardim Botânico, Rio de Janeiro



Foto: Divulgação

*Reparação e redenção são temas dessa peça que volta seu olhar
para os catastróficos resultados da interação entre os humanos e a natureza.
Espetáculo premiado fica em cartaz até 23 de junho*

Com direção de Rodrigo Portella e atuação de Analu Prestes, Mario Borges e Stela Freitas, *“As Crianças”*, que estreou com grande sucesso em 2016 em Londres, foi indicada a 25 prêmios no Brasil, vencedora em nove deles, entre Shell, APTR, Cesgranrio e Botequim Cultural.

O espetáculo levanta duas camadas de reflexão: num nível individual, fala da relação do ser humano com a passagem do tempo e seu inventário de perdas e ganhos; e num nível coletivo, trata de discussões éticas sobre a responsabilidade com o uso dos recursos do planeta e com as gerações futuras.

A peça conta a história de três físicos nucleares que se encontram numa isolada casa à beira-mar em região outrora bucólica, mas devastada por um acidente nuclear.

Estruturalmente, se sustenta pelo desvendamento progressivo dos sentimentos desses personagens que, aos poucos, vão mostrando não só os seus problemas afetivos, mas também a profunda crise ética em relação a seu papel na sociedade em que vivem.

Paralelamente à questão nuclear, o texto investe nas particularidades da vida dos três indivíduos – sua relação com os filhos (ou a opção por não tê-los), a proximidade da morte, a traição, as omissões, a fantasia e o desejo. *“Entendo que Kirkwood quer que pensemos em nossa responsabilidade com as futuras gerações. Mas, para mim, a grande pergunta da peça é a seguinte: salvar as crianças de um futuro catastrófico é um ato de heroísmo ou uma obrigação?”*, questiona o diretor.

SERVIÇO

As Crianças

Até 23 de Junho

Espaço EcoVilla Ri Happy

Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Jardim Botânico, 1008, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: sexta e sábado às 20h e domingo às 19h

Ingressos: R\$ 35 (meia) | *Telefone bilheteria:* (21) 3553-2616

Duração: 80 min | *Classificação:* 14 anos

Gênero: tragédia cômico-delirante



Foto: Divulgação



Foto: Bruno Lemos

Espetáculo site specific de Fause Hatén, EU SOU UM MONSTRO, reestreia no Teatro Vivo, SP

*Criado a partir de um acontecimento da vida do artista Francis Bacon,
o trabalho mescla teatro, performance, vídeo e artes plásticas
para propiciar uma experiência única ao espectador*

Na véspera da estreia de uma importante exposição, um artista encontra seu namorado morto e deixa o corpo no mesmo lugar, para não atrapalhar o grande dia. A história, com ares de filme de mistério, aconteceu com o pintor anglo-irlandês Francis Bacon (1909-1992) e inspirou Fause Hatén a criar a performance “Eu

Sou um Monstro”, que faz sua segunda temporada em São Paulo, até 30 de junho, no Teatro Vivo.

Tudo começou a partir da palavra. Hatén, que transita entre as diversas artes, ficou muito impressionado com esse relato e escreveu um conto ficcional. Em um de-

terminado momento, surgiu a ideia de transportar a narrativa para o teatro – foi quando começou a fazer leituras individuais para amigos atores e diretores de teatro. Nessas leituras, sempre gravadas e roteirizadas depois, foi performando de improviso todo o restante da obra.

“Eu Sou um Monstro” alcançou seu formato final e fez uma temporada na Casa Rosa Salvador, em 2022. Na prática, o universo desenvolvido pelo conto foi expandido para se tornar esse teatro-performance site specific, ou seja, que pode ser adaptado e alterado por cada espaço onde é encenado.

SOBRE A ENCENAÇÃO

Fause Haten pretende submeter o público a experiência de sentir um ser idolatrado se transformar em um monstro – o sentimento de admiração e aversão colocados em confronto. Tudo aquilo que é pode não ser. E tudo aquilo que deveria ser talvez não seja. Todas as expectativas da rotina de um espetáculo teatral como a chegada, a entrada e o fim podem ser subvertidas e a mágica do teatro se fará por outras vias. *“Talvez as projeções de imagens do espetáculo aconteçam dentro da cabeça do espectador. 'Eu Sou um Monstro' se apresenta como teatro, mas poderia ser uma exposição ou uma performance de artes visuais. Mas o trabalho é mais do que isso”,* comenta o artista.

Como estilista, Fause extrapola ao também performar seus desfiles. Como ator, cria seus textos, cenários e figurinos. As artes plásticas também estão presentes na cena ou nos seus processos de criação. Neste trabalho, em particular, tudo está amalgamado.

As obras visuais do espetáculo são fotos-performances elaboradas com o rosto de Fause acrescido de diferentes materiais, como fitas, cordões e adesivos. Essas imagens provocam distorções em busca de um “novo” rosto ou da revelação de um interior desconhecido.

Neste jogo, ele coloca na mesa as inquietações de um artista a respeito da arte. *“Quando eu li ‘Os anormais’, de Michel Foucault, que estabelece uma relação entre o exame psiquiátrico e o direito penal, partindo da análise de grandes casos de monstruosidade criminal, vi várias frases que se eu tirasse a palavra monstro e colocasse artista, o sentido se manteria. Então, estou assumindo que sim, somos monstros: deixamos as pessoas sem ar e fazemos coisas inimagináveis. Eu sou um artista e quero redesenhar o mundo!”*, defende.

SOBRE FAUSE HATEN

Reconhecido por sua trajetória na moda, começou a estudar artes cênicas em 2006, no Teatro Escola Célia Helena, onde se formou em 2010. A partir do teatro, foi se reconhecendo também como performer e acabou chegando às artes visuais (vídeo, fotografia, escultura, pintura têxtil e pintura a óleo).

SERVIÇO

Eu Sou um Monstro

Até 30 de junho

Teatro VIVO – Espaço Convivência

Avenida Doutor Chucri Zaidan, 2460 Morumbi, São Paulo / SP

Dias/Horários: sábados às 20h e domingos às 18h

Ingresso: R\$100 (inteira), R\$50 (meia-entrada)

Recomendação de idade: 14 anos

Capacidade: 30 lugares | Duração: 50 minutos

Foto: Divulgação



CCBB Rio de Janeiro
celebra 80 anos do
icônico diretor mineiro

Eid Ribeiro

com nova encenação
de “**Fim de Partida**”,
de Samuel Beckett



Foto: Divulgação

Com estreia dia 5, a montagem de Eid Ribeiro traz um ator-palhaço para viver o personagem Hamm, que contorna suas dificuldades motoras e cognitivas, ocasionadas por dois AVCs recentes, com recursos tecnológicos e o auxílio do filho, que divide a cena com o pai desde a infância

Ao completar 80 anos de vida, Eid Ribeiro retorna a um dos mais conhecidos textos de Samuel Beckett, *“Fim de Partida”*, peça já levada aos palcos pelo diretor mineiro nos anos 1980. Hoje, Eid, que é um dos mais respeitados artistas do teatro brasileiro, inova ao revisitar o espetáculo, tendo, desta vez, dois palhaços da Trupe Garnizé como protagonistas: Francisco Dornellas e seu filho Victor.

Completam o elenco, em participações especiais, João Santos e Marina Viana. A estreia no Rio de Janeiro será dia 5 de junho, no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil, onde fica em cartaz até 30 de junho com apresentações de quarta a sábado às 19h e domingo

às 17h30. A peça estreou nacionalmente no CCBB Belo Horizonte, esteve em Brasília no último mês e segue em temporada para o CCBB São Paulo. O patrocínio é do Banco do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

A nova encenação de Eid Ribeiro traz um Beckett com tons de comédia, sem deixar de ser profundamente humano. No palco, Francisco Dornellas (78) vive Hamm e contorna suas dificuldades motoras e cognitivas, ocasionadas por dois AVCs recentes. Para superar os desafios, Chico conta com recursos tecnológicos e o auxílio do filho, Victor Dornellas, que divide a cena com seu pai desde a infância.



Foto: Divulgação

“Queremos mostrar que Samuel Beckett é um escritor e poeta visionário. À medida que o tempo passa, sua criação se torna cada vez mais atual diante do mundo em que vivemos. E nada melhor que a sabedoria de um velho palhaço para narrar a sua história. Esperamos, assim, que o nosso Fim de Partida seja uma ode de amor ao teatro, e de demonstração da possibilidade de enaltecer a vida através da arte”, explica Eid Ribeiro.

O resultado pode ser visto como um espetáculo que navega rumo ao acaso e à improvisação, mas com pontual elaboração em determinados momentos.

O *“Fim de Partida”* de Eid Ribeiro busca provocar uma simbiose entre o personagem da ficção beckettiana e a linguagem da palhaçaria, com duas narrativas que percorrerão caminhos paralelos, mas que se identificarão em determinados momentos, praticando um jogo de ironia e escárnio, rindo do trágico destino traçado para a humanidade.

Escrito num contexto pós-catástrofes, após duas guerras mundiais, sobre os destroços e os entulhos do nazifascismo, Beckett desloca o olhar sobre este plano geral de destruição e envenenamento social e escreve, entre 1954 e 1956, essa peça sobre as relações tóxicas, servis e parentais, em que no espaço fechado de um bunker as duas personagens principais, Hamm e Clov, agem e dialogam num jogo de repetições próprio da comédia burlesca.

SOBRE EID RIBEIRO

Eid José Ribeiro Aguiar nasceu em Caxambu, em 1943. Dramaturgo, roteirista e diretor teatral já dirigiu e escreveu para coletivos como Grupo Galpão, Grupo Teatro Delle Radici (Suíça), Grupo Trama, Cia Acômica e Grupo Armatrux. Foi ainda fundador do Grupo Geração, coletivo teatral que atuou na resistência à ditadura militar no Brasil, repórter e colunista de diversos

jornais mineiros e fluminenses e curador e diretor de programação do Festival Internacional de Teatro Palco & Rua de Belo Horizonte. Sua obra tem um estilo inconfundível: traz referências que vão do teatro moderno norte-americano e europeu aos circos mambembes do Brasil, do experimental ao popular, do grotesco ao sublime, do existencial ao político.

SERVIÇO

Fim de Partida

De 5 a 30 de junho

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro III

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: (21) 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Dias/Horários: quarta à sábado às 19h e domingo às 17h30

Valor do ingresso: R\$ 30 (inteira) e R\$15 (meia)

Estudantes, maiores de 65 anos e Clientes Ourocard pagam meia entrada

Ingressos adquiridos na bilheteria do CCBB ou antecipadamente pelo site bb.com.br/cultura

Classificação: 16 anos

Foto: Divulgação





Foto: Renato Mangolin

LÍNGUA

Espectáculo no Sesc Copacabana leva à cena uma trama criada em português e em Libras para refletir sobre os impasses de comunicação universais.

Com direção de Vinícius Arneiro, a peça nasce do projeto pioneiro de unir artistas surdos e ouvintes em uma história bilíngue e bicultural

Como realizar um espetáculo teatral bilíngue (em português e em Libras) que não coloque a condição de surdez como tema central da história? Como fazer com que essa trama seja acessível ao público ouvinte e surdo sem que haja um intérprete tradutor de Libras

no canto do palco? Como criar uma dramaturgia inédita que se propõe a assimilar a cultura surda e suas referências estéticas? Esses foram os principais desafios de “Língua”, encenação dirigida por Vinícius Arneiro, que estreia no dia 6 de junho no Sesc Copacabana/Meza-

nino, Rio de Janeiro, na busca de estimular reflexões sobre convivência, comunicação e os possíveis novos rumos nas práticas de acessibilidade.

Assinada por Pedro Emanuel e Vinicius Arneiro, com interlocução de Catherine Moreira, a dramaturgia foi criada em sala de ensaio com o elenco, que reúne Erika Rettl, Filipe Codeço, Jhonatas Narciso, Luíze Mendes Dias e Ricardo Boaretto, a partir de situações que contemplavam laços familiares e de amizade. O espetáculo dá prosseguimento a uma pesquisa iniciada por Filipe Codeço e Vinicius Arneiro de unir Libras e português na cena artística. A peça-filme *“Aquilo De Que Não Se Pode Falar”*, que estreou virtualmente em dezembro de 2021, contava com um ator surdo e outro ouvinte, e foi indicada a quatro Prêmios APTR.

Em *“Língua”*, o desejo de dizer alguma coisa e a impossibilidade de ser compreendido, não importa em que idioma, são as questões centrais da história. Durante uma comemoração de aniversário, vamos conhecer as relações desenvolvidas por um taxista surdo. Como lidar com a distância entre aquilo que se sente e a tentativa de dizê-lo?

“Embora tenha um ator surdo em cena, a gente nunca quis que o tema central da peça fosse a surdez. A maneira como a gente se organiza para contar essa história e a história em si é atravessada por esse fato, já que acompanhamos a relação de uma pessoa surda com o mundo, mas não é o ponto de partida”, explica Vinicius Arneiro. “A gente tem o desejo de trazer mais surdos para o teatro. Nós, ouvintes, nos habituamos a fazer sessões com traduções em Libras, mas sabemos que essas apresentações acabam esvaziadas de um público surdo porque não são peças pensadas para eles. Claro que são iniciativas importantes, mas estamos em busca de uma maior integração. Em ‘Língua’, fizemos uma criação artística efetivamente pensando nos dois idiomas”, completa.

Este projeto pioneiro de integração entre surdos e ouvintes nas artes contou com a intérprete de Libras Lorraine Mayer durante todo o seu processo de ensaios. Assim foi possível a comunicação eficiente com o ator Ricardo Boaretto, que vive o protagonista surdo. *“O que a gente vê nos espetáculos, em geral, são ouvintes fazendo papéis de surdos. E os surdos acabam não se identificando com aquele personagem”, avalia Ricardo. “É preciso dar cada vez mais espaço aos atores com deficiência, e investir na criação de personagens surdos mais complexos, com várias camadas, pois ainda são muito rasos na maioria dos espetáculos. Estamos agora em um momento de visibilidade desta luta, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido”, completa.*

SINOPSE

Uma mãe prepara uma festa de aniversário para seu filho surdo que cresceu rodeado de pessoas ouvintes. O encontro, que reúne um pequeno grupo de amigos do rapaz, revela não só afetos, mas também dilemas e a diferença cultural entre eles. Além disso, convida o público a perceber como lidar com a distância entre aquilo que se sente e a tentativa de dizê-lo.



Foto: Renato Mangolin

SERVIÇO

Língua

De 6 a 30 de junho

Sesc

Copacabana/Mezanino

Rua Domingos Ferreira,
160, Copacabana, Rio de
Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2547-0156

Dias/Horários: quinta a
domingo, às 20h30

Ingressos: R\$ 30 (inteira),

R\$ 15 (meia-entrada)

e R\$ 7,50 (associado do
Sesc)



Luiz Zerbini, *Água amarela, pedra rosa*, 2021

Foto: Pat Kilgore

PAISAGENS RUMINADAS

*Primeira grande retrospectiva de Luiz Zerbini,
no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro*

Numa reflexão sobre seu processo de criação, Luiz Zerbini afirma que *"viver é ruminar paisagens"*. Com este mote, o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro apresenta a primeira grande retrospectiva do artista, um dos principais expoentes da Geração 80 da arte brasileira. *Paisagens Ruminadas*, a exposição, que acontece de 19 de junho a 2 de setembro, ocupa todo o primeiro andar do CCBB, oferecendo ao público um momento único para apreciar e refletir sobre os quase 50 anos de trajetória de Luiz Zerbini, cuja obra multifacetada e inovadora marca profundamente o cenário artístico nacional e internacional.

Nesta retrospectiva, sob a curadoria de Clarissa Diniz, o público terá a oportunidade de mergulhar no universo peculiar e instigante do artista e imergir no processo criativo de Zerbini, que descreve sua arte como uma jornada de ruminação, em que paisagens, sonhos e memórias são triturados e reconfigurados de forma involuntária. Com 140 obras, algumas delas nunca exibidas, divididas em cinco núcleos temáticos, os visitantes serão conduzidos por uma viagem visual que perpassa as constantes reelaborações paisagísticas do artista ao longo de sua carreira.

A mostra destaca a centralidade da paisagem na prática artística de Zerbini, que transcende os limites da pintura para se manifestar em múltiplas linguagens e experimentações. Sua produção artística revela-se como um verdadeiro mosaico de formas, cores, padrões e narrativas, refletindo não apenas a visão do artista, mas também sua inquietude e sensibilidade diante do mundo.

*"Para pintar,
é preciso estar em pé
no campo, pisando o capim
com o olhar vago,
fixo no horizonte,
e triturar
involuntariamente
paisagens, sonhos
e memórias."*

Luiz Zerbini

"Paisagens Ruminadas percorre alguns dos caminhos da voluptuosa e fascinante paisagística de Luiz Zerbini. Ao reunir obras de várias décadas e apresentar esculturas, objetos, monotipias, instalações e vídeos, a exposição matiza o já conhecido protagonismo de sua pintura, convidando os visitantes a observarem como a ruminação tem sido o principal método de criação desse artista que desde cedo vem mastigando, digerindo, regurgitando e novamente devorando suas próprias referências, signos, composições, perspectivas, narrativas, formas, cores, padronagens, imagens", comenta Clarissa Diniz.

A obra de Zerbini é um convite à reflexão sobre a natureza da arte e sua relação intrínseca com a vida. Além de sua proeminência como pintor, ele destaca-se como um artista multimídia, cuja produção multifacetada explora os limites entre as artes visuais, a música e o cinema. Há quase 30 anos, a serem completados em 2025, Zerbini participa do coletivo sonoro Chelipa Ferro, criado junto com os artistas Barrão e Sergio Mekler, que produz obras como objetos, instalações, performances, além de shows e CDs.

Após o CCBF Rio de Janeiro, a exposição segue para o CCBF Brasília. O patrocínio é do Banco do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

A EXPOSIÇÃO

As 140 obras em vários suportes (pintura, instalação, vídeos) da exposição dividem-se em cinco núcleos:

1 – “viver é ruminar paisagens”

O primeiro núcleo objetiva afirmar a centralidade da

Luiz Zerbini, *Primeira Missa*, 2014

Foto: Jaime Acioli



paisagem para a prática artística de Luiz Zerbini. Sua paisagística não se restringe à pintura ou a linguagens específicas, mas constitui um método e criação e de experimentação que, tanto na arte quanto na vida, tem atravessado seus quase 50 anos de trabalho. Um dos destaques é a obra de dimensões monumentais (250 x 394 cm) *"High Definition"* (2009), que marca o retorno de Zerbini às pinturas figurativas depois de alguns anos dedicados ao trabalho com o grupo Chelpe Ferro.

2 – “o lugar de existência de cada coisa”

Reúne obras que apresentam algumas das estratégias de Zerbini para forjar os "lugares de existência" de sua obra, combinando as tradições naturalistas da representação da paisagem com o interesse pela fabulação, pela memória, pela alegorização, pelo onírico, pelo poético. Neste núcleo, são apresentados objetos que estão presentes nas pinturas, explorando a ideia de *"o lugar de existência de cada coisa"*, também no espaço expositivo, como em *"Mesa Mar"* (2017).

O núcleo também aponta para a sensação de vertigem que emerge quando as coisas parecem fora de seus lugares de existência, transformadas em espectros ou fragmentos de si mesmas.

3 – “da natureza alegórica da paisagem: Massacre de Haximu e Primeira Missa”

Na última década, a ruminação que caracteriza a alegórica paisagística de Luiz Zerbini revelou sua vocação histórica, dando luz a pinturas que releem o Brasil e suas representações artístico-políticas. Nessa direção, o artista tem combinado signos e personagens

em grandes paisagens alegóricas que revisitam a historicidade para refazer leituras históricas e avivar memórias de resistência e insurgência. Desse exercício têm emergido obras que confrontam iconograficamente as narrativas oficiais do país, as quais comumente apagam as memórias da violência social que caracteriza a constituição colonial da nação. Neste núcleo, dois destaques: *"Massacre de Haximu"* (2020) e *"Primeira Missa"* (2014).

4 – “eu paisagem”

A paisagística de Luiz Zerbini não alimenta a cartesiana separação entre o eu e o outro, a natureza e a cultura, o ponto de vista e o ponto de fuga. O quarto núcleo da mostra apresenta obras que, assim como *"eu paisagem"* (1998), exploram as implicações entre 'retratado e retratante' ou 'o sujeito e a cena', reconhecendo que a subjetivação é inerente aos territórios, aos objetos, às plantas, ao acaso, ao vazio etc.

Luiz Zerbini, *Eu paisagem*, 1998

Foto: Divulgação





Como *"Paisagem inútil"* (2020), este núcleo também ambienta obras que investigam os esquemas formais e ontológicos de estruturas gráficas não-ocidentais que, como os *kenes* HuniKuín ou os tecidos com o Batik da Indonésia, elaboram estéticas vinculadas a cosmovisões que concebem o mundo sem a separação cartesiana da qual, na Europa de séculos atrás, emergiu a ideia de "paisagem".

5 – “não é só sobre o que se vê”

Como escreve num poema do livro *"Rasura"*, para Zerbini, uma obra visual *"não é só sobre o que se está vendo"*, mas é também sobre *"o que se pensa quando se está sentindo o que se está ouvindo quando se está vendo"*. O último núcleo da exposição traz obras cuja inscrição paisagística se estende para além das referências visuais, acionando leituras sonoras, espaciais, rítmicas ou vibráteis. Em *"Miragem"* (2004), composta num momento em que Zerbini vinha trabalhando intensamente junto ao Chelipa Ferro, é possível ver como o artista articula alguns de

Luiz Zerbini, *sem título* /
"Prata e Rosado", 1999

Foto: Divulgação

seus principais interesses da época: a paisagem, a geometria e a sonoridade/musicalidade.

O ARTISTA

Luiz Zerbini nasceu em São Paulo, em 1959. Iniciou sua atividade artística no final dos anos 1970. Exponente da chamada Geração 80, é conhecido por fazer pinturas em grande escala de colorido exuberante, em geral figurativas e com incursões no abstracionismo geométrico. Suas composições incluem a paisagem e as formas da natureza. Sua obra transita entre a pintura, a escultura, a instalação, a fotografia, a produção de textos e vídeos. É um dos integrantes do grupo Chelipa Ferro.

Entre as exposições recentes, destacam-se: *Siamo Foresta*, Triennale Milano, Milão (2023); *Dry River*, Sikkema Jenkins & Co, New York (2022); *A mesma história nunca é a mesma*, MASP, São Paulo, Brasil (2022); *Fire*, Stephen Friedman Gallery, Londres, Reino Unido (2020); *Nous Les Arbres*, Fondation Cartier, Paris (2019); *Intuitive Ratio*, South London Gallery, Londres (2018); *Dreaming Awake*, House for Contemporary Culture, Maastricht (2018); *Luiz Zerbini*, Stephen Friedman Gallery, Londres, Reino Unido (2017); *Perhappiness*, Sikkema Jenkins & Co, New York (2016); *Natureza Espiritual da Realidade*, Galpão Fortes Vilaça, São Paulo (2015); *Pinturas*, Casa Daros, Rio de Janeiro (2014); *amor lugar comum*, Centro de Arte Contemporânea Inhotim (2013); *Amor*, MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, (2012); dentre outras.

A CURADORA

Clarissa Diniz é curadora, escritora e educadora em arte. Graduada em artes pela UFPE, mestre em história



Luiz Zerbini, *Macunaíma 7*, 2017

Foto: Pat Kilgore

da arte pela UERJ e doutoranda em antropologia pela UFRJ. É professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Além de alguns livros publicados, tem textos incluídos revistas e coletâneas sobre arte e crítica de arte, a exemplo de *Criação e Crítica – Seminários Internacionais Museu da Vale* (2009); *Artes Visuais – coleção ensaios brasileiros contemporâneos* (Funarte, 2017); *Arte, censura, liberdade* (Cobogó, 2018); *Amérique Latine: arts et combats* (Artpress,

março 2020). Desenvolve curadorias desde 2008 e, entre 2013 e 2018, atuou no Museu de Arte do Rio – MAR, onde realizou projetos como *Do Valongo à Favela: imaginário e periferia* (cocuradoria com Rafael Cardoso, 2014); *Pernambuco Experimental* (2014) e *DjaGuata Porã – Rio de Janeiro Indígena* (cocuradoria com Sandra Benites, Pablo Lafuente e José Ribamar Bessa, 2017). Em 2019, organizou a mostra *À Nordeste* (cocuradoria com Bitu Cassundé e Marcelo Campos. Sesc 24 de Maio, São Paulo) e, em 2022, integrou a curadoria das exposições *Histórias Brasileiras* (MASP, São

Paulo) e *Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil* (Sesc 24 de Maio, São Paulo).

SERVIÇO

Luiz Zerbini - Paisagens Ruminadas

De 19 de junho a 2 de setembro

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro - CCBB RJ

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Contato: (21) 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Mais informações em bb.com.br/cultura

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 9h às 20h, fechado às terças-feiras

Entrada gratuita – Retire seu ingresso em bb.com.br/cultura

Luiz Zerbini, *Distraídos Venceremos*, 2015

Foto: Divulgação



Diálogo de gigantes na data do 30º Aniversário de morte de Burle Marx



Foto: Marília Panitz

Trinta esculturas de grandes dimensões de Amilcar de Castro aportam no Jardim Burle Marx, no Eixo Monumental de Brasília, no dia 4 de junho.

As obras que evidenciam a importância da arte e da natureza na vida urbana permanecerão no local durante dois anos

A confluência da harmonia estética de dois dos mais celebrados nomes da arte brasileira do século XX promove o encontro das poéticas do paisagista e do escultor. Trata-se do projeto *Amilcar de Castro no Jardim*

Burle Marx, uma iniciativa do Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura (IPAC) em parceria com o Banco de Brasília (BRB), que cedeu o espaço para a instalação das esculturas.

A interação das obras de Amilcar de Castro com a paisagem, a arquitetura e o urbanismo de Brasília, nos jardins do criador do paisagismo moderno – num espaço público –, representa um marco na capital do País. As esculturas do grande mestre podem ser vistas em praças e parques mundo afora, mas sempre solitárias, ou em diálogo com outros autores. O conjunto no centro de Brasília será uma experiência inédita que o público poderá apreciar durante 24 meses.

Amilcar de Castro – que dizia *“faço esculturas para participar do espaço público”* – e Burle Marx se cruzaram em diversos projetos e compartilharam uma profunda afinidade estética, especialmente na busca

de novas formas de expressão, para além da representação figurativa. A natureza, para ambos, era fonte constante de inspiração, assim como o fato de conceberem suas obras pensando no espaço em que elas se inseririam, criando relações dinâmicas entre escultura, arquitetura e paisagem.

Roberto Burle Marx, considerado por muitos o criador do paisagismo moderno, foi parceiro de Lucio Costa e de Oscar Niemeyer desde a primeira metade do século 20. Até 2022, no Plano Piloto de Brasília, existiam nove jardins públicos criados por ele (todos tombados como patrimônio histórico e artístico do DF); em setembro do ano passado foi inaugurado o décimo – o Jardim de

Foto: Marília Panitz



Burle Marx. Esboçado pelo paisagista em 1975, o projeto foi realizado pelo escritório Burle Marx, junto com Haruyoshi Ono, paisagista, arquiteto e discípulo de Burle Marx, e sua filha Isabela Ono. Agora, o jardim recebe, também, a arte de Amilcar de Castro.

As esculturas de Amilcar são obras pertencentes a um pensamento que se constitui em um dos mais conhecidos movimentos artísticos brasileiros no mundo: o neoconcretismo – assim como a arquitetura modernista da cidade nova. E esse encontro entre Brasília e as obras de arte construtivas brasileiras originou muitos debates, além de diversos artigos e ensaios.

A proposta curatorial do projeto, assinada por Marília Panitz, traz como ideia central oferecer ao público um espaço de contemplação e debate sobre a obra de Amilcar de Castro em diálogo com a perspectiva urbana da capital. *“Brasília é contemporânea das pesquisas neoconcretas; é contemporânea do nascimento das obras do mestre do corte e da dobra. Mas as grandes esculturas em aço de Amilcar, curiosamente, não pousaram na capital”* – destaca a curadora.



AMILCAR DE CASTRO NA PRAÇA BURLE MARX é o segundo projeto do IPAC com as obras do escultor: em 2022, por ocasião do centenário de Amilcar, inaugurou *“Jardim de Amilcar de Castro: neoconcreto sob o céu de Brasília”*. Daiana Castilho Dias, presidente da instituição, ressalta que exibir obras de arte em espaços públicos é fundamental não apenas pela estética que acrescenta ao ambiente, mas também pelo papel vital que desempenha na promoção da cultura e da apreciação artística na sociedade.

– Ao colocar obras de arte em locais acessíveis a todos, estamos democratizando o acesso à arte, possibilitando que pessoas de diferentes origens e contextos tenham contato com a expressão criativa humana. Além disso, o encontro de Amilcar de Castro e Burle Marx vai transformar o Eixo Monumental em um lugar mais vibrante, inspirador e inclusivo, estimulando o diálogo, a reflexão e a interação social entre os cidadãos em Brasília – conclui Daiana.

SERVIÇO

Amilcar de Castro no Jardim Burle Marx

A partir de 4 de junho

Eixo Monumental – Brasília





Fernanda Gontijo, *A primeira palavra do corpo*

Foto: Divulgação

Num instante, em Belo Horizonte

Mostra de Fernanda Gontijo, na GAL, em BH, apresenta uma seleção de trabalhos recentes da artista em pintura, desenho e colagem, além de uma obra site-specific. A curadoria é de Marina Romano

Fragmentos coletados durante caminhadas no hipercentro de BH, em composição com trabalhos anteriores e fragmentos do próprio ateliê compõem as obras de *Um Instante*, de Fernanda Gontijo. O ponto de partida, segundo a artista, aconteceu durante uma caminhada no centro da cidade, ocasião em que foi surpreendida por uma forte corrente de vento.

“De repente, tudo estava suspenso no ar, girando, eu mal conseguia manter os olhos abertos. Não durou muito tempo, mas depois daquele instante nada estava mais como antes. Essa experiência é o que pretendo mostrar na galeria. A proposta é refletir a força e a delicadeza daquele momento, tornando visíveis elementos antes imperceptíveis e como a fugacidade de um instante pode mudar toda nossa percepção do mundo”, revela Fernanda.

Fernanda Gontijo, *Tudo é rastro*

Foto: Divulgação



Fernanda Gontijo é artista visual e designer gráfica. Através do desenho, da colagem, da pintura e da fotografia explora diversas materialidades e texturas, incorporando fragmentos do seu cotidiano e da paisagem urbana, investigando a natureza experimental construtiva do processo criativo. Em 2020 sua pesquisa foi contemplada pela Lei Aldir Blanc do Governo do Estado de Minas Gerais. Formada em Comunicação Social, é pós-graduada em Processos Criativos em Palavra e Imagem e em Artes Plásticas e Contemporaneidade pela Escola Guignard (UEMG).

TEXTO CURATORIAL – MARINA ROMANO

*“A recriação do mundo é um evento possível
o tempo inteiro.”*

Ailton Krenak

A potência de vida da ação tem o efeito de movimento constante – subitamente, uma eventual reviravolta pode perturbar a norma e alterar tudo aquilo que era conhecido. Bastou um instante para que uma ventania repentina levasse pelos ares as coisas que estavam no chão, inertes. Fernanda Gontijo recorda esse episódio, vivido em uma de suas caminhadas pela cidade. Quando pousaram, depois de girarem em redemoinho, os vestígios da vegetação, de pessoas e das construções voltaram para o solo em outra organização, como novos rastros.

O momento de suspensão no ar é carregado de incerteza e reflete a experiência da vida no mundo, em sua condição efêmera e instável. Para enxergar esse breve retrato em uma espiral de vento na rua, é preciso a prática de uma atenção sensível à simplicidade do co-

tidiano. *Num Instante* apresenta os trabalhos como produtos da atenção inequívoca à aparente banalidade dos fragmentos de matéria no espaço urbano.

Em sua obra, a artista constrói imagens com a intenção de criar corpos para existir no mundo, manifestando sua própria existência impermanente. Para fazer isso, versada nos modos da colagem, costuma misturar uma variedade de materiais, abordando o papel, o tecido e a tela com canetas, lápis, spray, nanquim, acrílica, guache e o que mais encontrar no ateliê, de pedaços de fita-crepe usada a cascas de parede. Com cuidado, recoloca os objetos e suas histórias pregressas em novos contextos, um procedimento que usa o próprio corpo como um ponto na trajetória de vida de outro.

A pintura traz esse gesto, imprimindo no campo pictórico o resultado, em escala real, do percurso das pernas e braços pelas ruas. E, por onde se olha, a presença da cor é quase espontânea, em composições suaves e equilibradas, como registros de uma memória agradável da paisagem. Em um dos trabalhos, o lençol que amparava o repouso, vai para o ateliê e vira território da ação. Em outro, o papel que sai da mesa para o chão, apoiando os impulsos de um corpo que dança. Tudo está em movimento.

Para Fernanda Gontijo, o hábito de incorporar à obra aquilo que é da ordem do comum, sem esconder o erro e a imperfeição, parte do desejo de poder existir de forma mais verdadeira, ainda que pouco articulada. Nesse sentido, as caminhadas trazidas em relatos visuais nesta exposição servem como meios para obser-

var e coletar materiais, ou como objetivo em si, em uma ação que é notavelmente ordinária. Assim, essa produção narra trajetos por entre os locais que ela habita e aqueles que frequenta, acolhendo os restos e propondo sentidos daquilo que sobra do fluxo de vida pela cidade, em transformações contínuas.

SERVIÇO

"Num Instante" de Fernanda Gontijo

Até 13 de julho

GAL – Galeria de Arte Contemporânea

Rua da Groenlândia, 50, Sion, Belo Horizonte / MG

Dias/Horários: terça a sexta-feira, das 14h às 18h30;

sábado das 10h às 14h;

visitas em outros horários disponíveis, sob agendamento

Tel. / whatsapp: (31) 9370-8998

Entrada Gratuita

[@gal.art.br](https://www.instagram.com/gal.art.br)

Fernanda Gontijo, *Vento grande*

Foto: Divulgação



"ATÉ ONDE MARCA", de Mariana Katona, no Centro Cultural Correios RJ

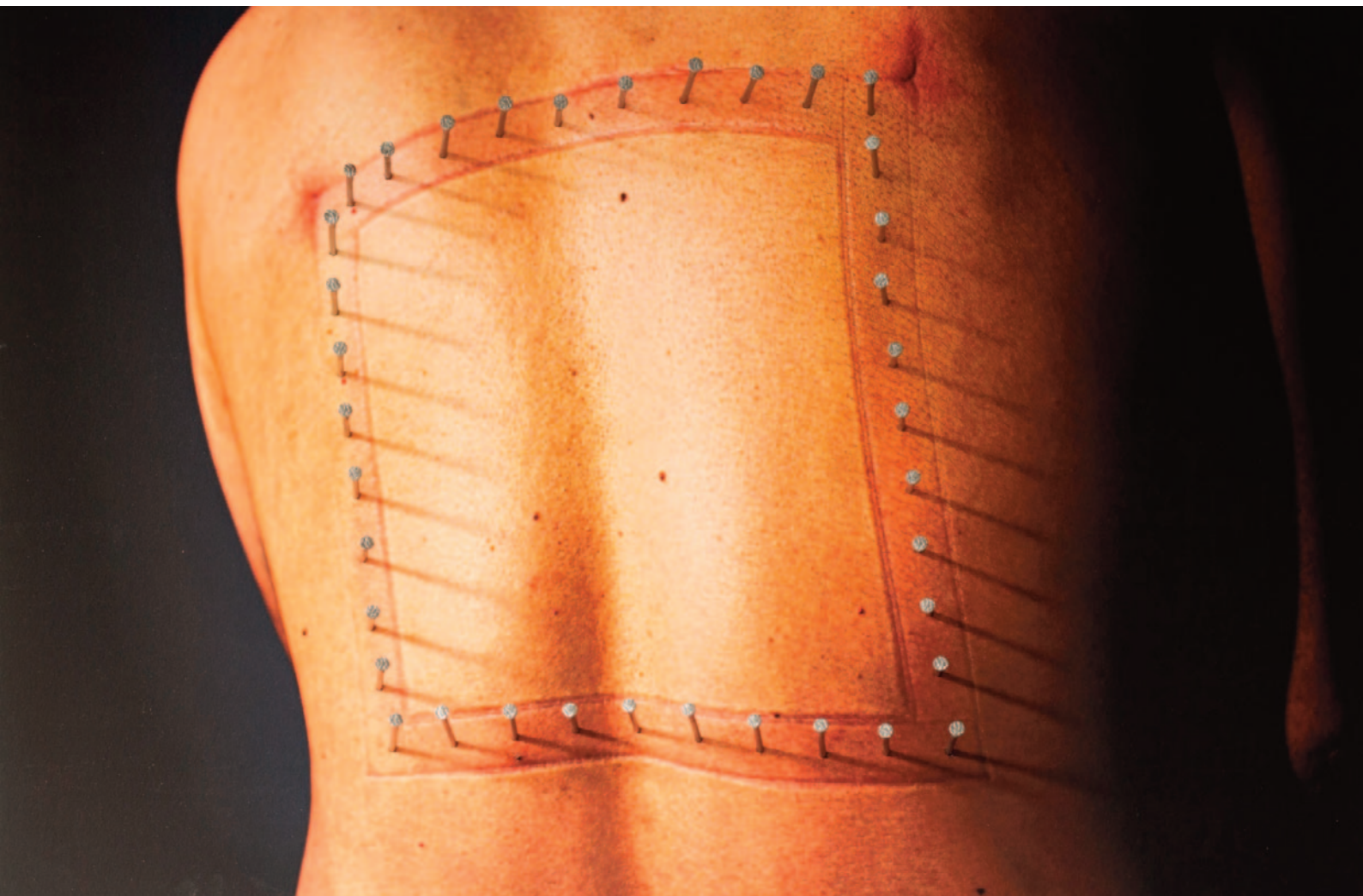


Foto: Divulgação

A mostra, com 21 trabalhos de técnicas variadas, busca transmitir ao público uma pesquisa sobre o corpo como instrumento de expressão artística

Artista de uma linhagem que utiliza o corpo como instrumento, Katona se dedica a mais de uma década de sua trajetória a dar forma às suas inquietações sensíveis e conceituais, utilizando uma diversidade de materiais, técnicas e suportes.

Sua obra revela sensações de estranhamento e desenraizamento, refletindo memórias pessoais e familiares em seus trabalhos. Explorando o corpo e acumulando marcas, fricções e inscrições na pele, suas séries sugerem uma composição de paisagens que lembram teares à espera de serem desenrolados e tecidos.

A artista também dialoga com a tradição feminina da costura em contraposição ao peso do martelo, reconstruindo memórias e sugerindo relações entre o silêncio do bordado e o ruído do rasgo. Ao trabalhar com fios, linhas, pregos e peles, seu corpo machucado pulsa e indica que marcar pode ser uma outra forma de escrever.

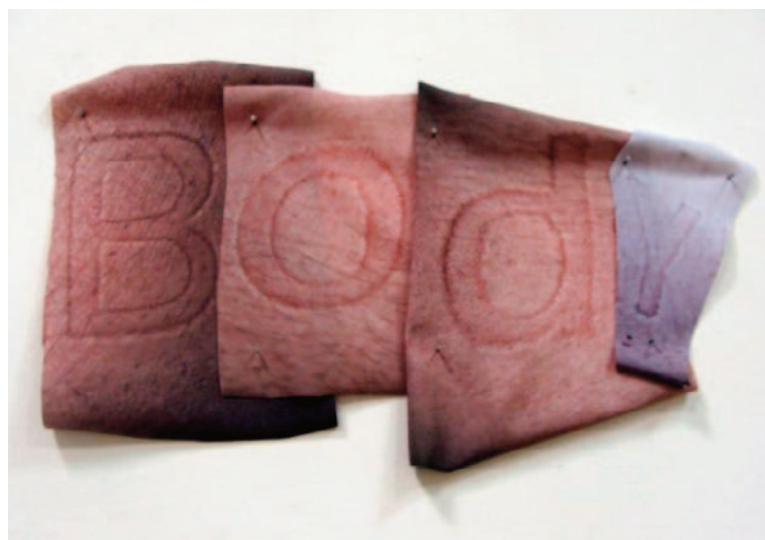
TEXTO CURATORIAL

(...) Percorrendo a exposição, os visitantes podem acompanhar os processos de criação de Mariana Katona, sua seleção meticulosa de materiais, seus gestos precisos e as relações que tece entre os trabalhos, revelando a dedicação da artista tanto em dar corpo às inquietações que a movem, quanto em fazer o espectador sentir a força e a dor de um corpo que cria, machuca e poetiza.

Como indica o título da exposição, os trabalhos, aqui reunidos, sondam os limites de um corpo que a artista

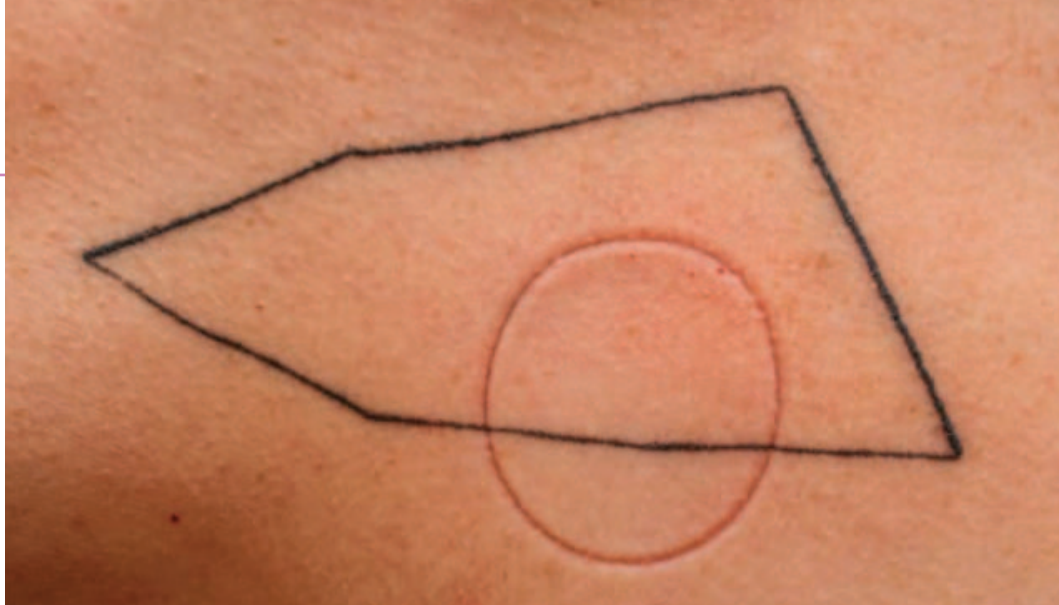
explora, em suas minudências, com artefatos associados a um fazer artesanal: linhas, agulhas, teares, pregos. O trabalho de Mariana Katona com marcas na pele começou por volta de 2009, quando ela residia na cidade do Rio de Janeiro, onde ocorreram seus primeiros trabalhos com o próprio corpo, enquanto suporte para inscrições mais diversas.

Dessas experiências, em que o corpo da artista era afetado por frases e detalhes arquitetônicos, nasce *Poros Urbanos*, trabalho exibido inicialmente na Rússia. Montada com fragmentos da pele marcada da artista, a frase *I do not know how my body fits here* diz de uma sensação de não pertencimento ou de desencaixe no mundo, aludindo a experiências familiares e pessoais.



Mariana Katona, detalhe de *Poros Urbanos*, 2012
Foto: Divulgação

Neste trabalho, além da pele, a artista utiliza prego e tecido, ao mesmo tempo em que inicia pesquisas com



Mariana Katona, *Sem título*, 2020

Foto: Divulgação

costura, buscando explorar a expressividade de outras técnicas e, principalmente, de outras superfícies. Assim, surge seu interesse pelos teares, cujo uso ela subverte, já que suas mãos tecem não um tecido, mas paisagens imaginárias, muitas delas vazadas ou sugeridas.

Essas paisagens são construídas pela artista não apenas com teares, mas também com pontos e linhas. Novamente, o corpo é o suporte, seja para nele marcar o desenho de territórios, seja para perfurá-lo com pregos de um tear à espera de um fiandeiro ou uma fiandeira que teça seus próprios vínculos, suas próprias linhas, suas próprias marcas. (...)

Francisco Camêlo / curador

SOBRE MARIANA KATONA

Mariana Katona (Rio de Janeiro, 1985) é artista visual. Formou-se em cinema em 2007. Em 2009-11, cursou o mestrado em Artes pela UERJ. Sua primeira exposição individual foi em 2018 intitulada, *Janelas*, na Galeria Ibeu – RJ. Participou de diversas coletivas, entre as quais, *Salão de Artes Visuais Novíssimos* (2016) – RJ, *City as a process* (2012) Ekaterinburg – Rússia, *Zona*

oculta (2010) – RJ e *Olheiro da arte* (2010) – RJ. Atualmente, vive e trabalha em São Paulo.

SOBRE FRANCISCO CAMÊLO

Francisco Camêlo (Ceará, 1991). Atualmente é Pesquisador de Pós-Doutorado (FAPERJ PDR-10) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2021). Realizou Estágio Doutoral na *École des Arts/Institut ACTE (Arts Créations Théories Esthétique)* da *Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne*, com bolsa CAPES/PrInt, de setembro de 2019 a dezembro de 2020.

SERVIÇO

"Até onde marca" – Mariana Katona

Até 6 de julho

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

@correioscultural

Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h

Grátis | Livre

Acessibilidade: adaptado para pessoas cadeirantes



Pietrina
Checcacci

Carnação
e
Táticas
do Corpo

Pietrina Checcacci, *A Força*, 2006
Foto: Divulgação

Perto de completar 83 anos, a artista nascida na Itália e residente no Brasil desde seus treze anos, ganha uma dupla homenagem, no Rio e em São Paulo. No Rio, “Carnação”, na Danielian Galeria, Gávea, com mais de 30 obras, várias inéditas; em São Paulo, “Táticas do Corpo”, na Galeria Galatea, com destaque para os trabalhos de cunho político e para as pinturas que trazem o corpo em primeiro plano a partir do olhar feminino

No espaço carioca, “Carnação” será exibida até 20 de julho. A mostra reúne 35 obras de Pietrina Checcacci, várias recentes e inéditas, que percorrem sua trajetória desde os anos 1970. Foi naquela década que a artista passou a usar o corpo feminino como protagonista em sua produção, momento em que o Brasil vivia sob uma ditadura – “entre o exílio e a tortura, o corpo representava o primeiro espaço da manifestação política, frágil pela insegurança e forte pela capacidade de resistência” – explicam os curadores Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto.

No texto que acompanha a exposição, os curadores destacam que em um caminho adjacente às guerrilhas artísticas do cenário na época, as investigações estéticas de Pietrina no campo da pintura e do desenho levaram-na a desenvolver uma identidade visual própria: do pop, trazia a apropriação da imagem; do kitsch a assimilação de visualidades e linguagens na popularização destas imagens.

“Pietrina acentua a presença feminina na arte pop brasileira com suas figuras sensuais repletas de desejo. Fiel à imagem, ela faz do corpo a sua principal ferra-



Pietrina Checcacci, Carnações – Carnes enlouquecidas me contm porque existo / série Flutuantes, 2023
Foto: Divulgação



Pietrina Checcacci, *Pernas azuis*, 1998

Foto: Divulgação

menta de criação e encantamento de mundo. Suas formas arredondadas, como as curvas e dobras barrocas, imprimem ao corpo feminino um território de luta, empoderamento e prazer”, diz Marcus de Lontra Costa.

IMAGENS DE FORTE IMPACTO VISUAL

Rafael Fortes Peixoto destaca que *“Pietrina faz parte de uma geração de artistas mulheres fundamental para estruturar a libertação e ampliação do cenário artístico e cultural brasileiro. Com imagens de forte impacto visual, suas obras estão inseridas no imaginário das décadas de 1980 e 1990. A ideia dessa exposição é mostrar para o público tanto obras desse período como também a produção atual da Pietrina, que fará 83 anos, e está a todo vapor”.*

“Pietrina Checcacci se dedica ao longo de 60 anos de carreira artística a esse espaço de provocação e conquista. Entre a pintura e a escultura, a projeção de um

feminino de detalhes, paisagens e cosmos – a matriz da existência. Esta exposição reúne obras de diferentes períodos de sua criação para instigar olhares frescos para uma produção que segue ativa e vibrante”, escrevem os curadores.

Pietrina nasceu em 1941 na Itália e com treze anos se mudou para o Rio de Janeiro. *“Na conturbada década de 1960, integrou-se ao cenário cultural, participou dos principais salões e mostras ao lado de contemporâneos como Rubens Gerchman, Claudio Tozzi e Ivan Freitas, e desenvolveu pinturas com forte influência da pop americana e da denúncia política que marcou a produção daquela geração de artistas”,* contam Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto.

Eles destacam que *“nos anos 1970, o corpo feminino assumiu o protagonismo em suas telas. Neste período no Brasil, entre o exílio e a tortura, o corpo represen-*

tava o primeiro espaço da manifestação política, frágil pela insegurança e forte pela capacidade de resistência”.

Ainda no texto curatorial, afirmam que a artista sustentou uma postura audaciosa para o mercado brasileiro. *“Pietrina manteve uma relação mais íntima com o público do que com a crítica de arte, quase sempre impregnada de historicismos e conceitualizações. Sua produção, a partir da década de 1970, reflete estratégias*

de ação que apostavam na popularização como ferramenta democrática de acesso à arte e de questionamento do papel da mulher na sociedade, sem, no entanto, abandonar a importância do fazer artístico”.

Os curadores ressaltam também que na pintura, através de grande habilidade técnica, a artista desenvolveu imagens de forte apelo visual que são como jogos para o olhar. *“Numa visão do corpo como signo*

Pietrina Checcacci, (detalhe) *Eu por Eu mesma / série Flutuantes*, 2023

Foto: Divulgação



cósmico da vida, a artista passou a utilizar a imagem como ferramenta de propagação de provocações, submetendo-as à experiência primeira do olhar para o belo”, assinalam os curadores, salientando uma frase da artista: “Minhas telas são como um anzol”.

GALATEA – TÁTICAS DO CORPO

Na galeria Galatea, em São Paulo, a mostra *“Pietrina Checcacci – Táticas do corpo”*, com abertura no dia 4 de junho, apresentará aproximadamente 40 obras desde a década de 1960 até os desdobramentos atuais da produção da artista. A exposição destaca tanto seus trabalhos de cunho político, que dialogam com a estética da Nova Figuração Brasileira, quanto as pinturas que trazem o corpo em primeiro plano a partir do olhar feminino.

Fernanda Morse, que assina o texto crítico da exposição na Galatea, comenta: *“Diante de toda a diversidade das correntes artísticas em ação na segunda metade do século XX, Pietrina não seguiu uma cartilha específica. Como a própria artista diz, o ser humano foi desde o início o seu leitmotiv e ganhou cada vez mais espaço em seu trabalho com o passar dos anos, distanciando-se de uma certa investigação em torno do universo político, dos jogos de aparência e dos conflitos morais”, observa.*

SOBRE PIETRINA CHECCACCI

Pietrina Checcacci nasceu em 1941 em Taranto na Itália e mudou-se em 1954 para o Rio de Janeiro. Coursou a Escola Nacional de Belas Artes e na década de 1960 já mantinha ativa atuação no cenário artístico carioca junto às pesquisas pop da nova figuração. Nos anos

1970, desenvolveu uma linguagem visual que toma o corpo feminino como espaço de reflexão e de criação de um repertório de imagens que questionam o lugar do desejo, do prazer e da liberdade feminina na sociedade brasileira.

Ao longo dos seus 60 anos de trajetória artística desenvolveu suas pesquisas em diversos suportes como a pintura, a escultura e a gravura, mantendo uma relação de subversão quanto ao papel da imagem no ambiente contemporâneo. Pietrina realizou diversas exposições individuais e participou de mostras de relevância nacional e internacional. Seus trabalhos integram importantes coleções como a do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia e a Coleção Chateaubriand – Museu de Arte do Rio de Janeiro, entre outras obras públicas e coleções particulares em todo o mundo.

SERVIÇO

“Carnação”

Até 20 de julho

Danielian Galeria, Gávea, Rio de Janeiro

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2522-4796 / (21) 98802-8627

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, de 11h às 19h;

sábados, de 11h às 17h | Entrada gratuita

contato@danielian.com.br

<https://www.danielian.com.br/>

“Táticas do corpo”

Abertura: 4 de junho, das 18h às 21h

Até 13 de julho

Galatea, São Paulo

Rua Oscar Freire, 379, loja 1, Jardins, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a quinta, das 10h às 19h;

sexta, das 10h às 18h; sábado, das 11h às 15h

<https://www.galatea.art/>



Sergio Zalis, *Scheveningse Bosjes*

Nas lentes de SERGIO ZALIS,
um novo olhar sobre dois parques,
ícones das cidades do Rio de Janeiro e de Haia

*“Dicotomia” será apresentada no Instituto Antônio Carlos Jobim,
no Jardim Botânico, de 20 de junho a 20 de julho*



Sergio Zalis, *Jardim Botânico*

A paixão de Sergio Zalis pela fotografia e pelas cidades do Rio de Janeiro e de Haia, representadas por seus principais parques, estão reunidas na nova exposição individual do artista, *Dicotomia*, que tem curadoria de Christiane Laclau. A inauguração será no dia 20 de junho e a exposição segue em cartaz até 20 julho, na galeria do Instituto Antônio Carlos Jobim.

O brasileiro Sergio Zalis se tornou cidadão holandês no início deste ano. Há décadas, ele se divide entre os dois países; agora, presta homenagem a ambos na mostra *Dicotomia*, ressaltando a beleza de parques que fazem parte da sua vida: o Jardim Botânico do Rio

de Janeiro e o Scheveningse Bosjes, Haia. Criados no século XIX, as duas áreas – com fauna e flora características de climas bem diferentes – são reveladas através de fotografias imersivas feitas em diversas estações do ano.

“O fotógrafo trabalhou entre 2023 e 2024 nas duas florestas urbanas, dois microuniversos que se complementam na imaginação afetiva do artista; Zalis mostra Haia com um olhar brasileiro e o Rio com uma estética holandesa. E o conceito da dicotomia, onde dois elementos opostos são, frequentemente, complementares”, afirma a curadora Christiane Laclau.

Dicotomia apresenta 18 fotografias ampliadas em grandes formatos, além de dois vídeos que mostram o processo de criação das obras. Utilizando a técnica *focus stacking*, Sergio captura uma série de imagens em diferentes distâncias de foco, mescla cada uma delas digitalmente e tem como resultado todos os elementos em foco nítido. Essa técnica confere uma representação hiper-realista que se desvia drasticamente da percepção visual humana e também das lentes fotográficas convencionais. Nas fotografias da mostra, as texturas intrincadas das árvores, das folhas e da vastidão do céu são reveladas sem distinção de nitidez, evocando uma sensação quase surreal.

“A fotografia de Sergio Zalis causa um efeito misto, atordoante e maravilhoso. Ao observar os detalhes da floresta impressos no papel é impossível dizer se há mais vida na vegetação original ou na inventada pelo artista. São imagens nas quais cada centímetro do quadro tem vida própria, sem hierarquia de valor entre uma ou outra partícula. Zalis renova o olhar do público

carioca ao apresentar, longe do documental ou do científico, uma desorientação para reinventar a experiência com o mundo verde que se esconde entre asfaltos”, observa Laclau.

SOBRE O ARTISTA

Sergio Zalis sempre trabalhou em fotografia e jornalismo. Iniciou a carreira em 1974, aos 18 anos, na extinta revista *Manchete*. Criado no Rio de Janeiro, cursou Economia por um ano e meio antes de se dedicar exclusivamente ao estudo da fotografia – primeiro entre 1977 e 1980 no *Hadassah Community College*, em Jerusalém, Israel. Depois, entre 1981 e 1984, como bolsista na Academia Nacional de Belas Artes, em Amsterdam, Holanda.

Sergio ganhou o 5º Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, pela FUNARTE. Expôs no MAM RJ e no MIS SP, entre outros locais. Criou a agência fotográfica ZNZ. Trabalhou por mais de vinte anos na Editora Abril, como diretor executivo, foi um dos fundadores da revista *Caras*



Sergio Zalis, *Scheveningse Bosjes*



Sergio Zalis, *Jardim Botânico*

e diretor de redação da revista Contigo. Nos últimos nove anos, trabalhou na área de Comunicação da TV Globo, como consultor de fotografia.

SOBRE O INSTITUTO ANTÔNIO CARLOS JOBIM

O Instituto Antônio Carlos Jobim iniciou suas atividades em maio de 2001, com objetivo de preservar e disponibilizar para o público a obra musical e poética do Maestro Tom Jobim, além de seu pensamento, admiração e preocupação com a preservação da natureza do Brasil.

SERVIÇO

Dicotomia – Exposição de fotografias de Sergio Zalis

De 20 de junho a 20 de julho

Instituto Antônio Carlos Jobim

Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Jardim Botânico, 1008, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2259-3237

Dias/Horários:

de quinta a terça (fechado às quartas), das 9h às 17h

Entrada franca

[@sergiozalis](https://www.instagram.com/sergiozalis)

www.sergiozalis.com



Sergio Zalis, *Scheveningse Bosjes*

“TrianguLAR”,
com Roma
Drumond,
Pedro Tebyriçá
e Antonio
Tebyriçá

*Família estará reunida
profissionalmente pela
primeira vez, em exposição
que inaugura na Galeria
Patricia Costa, RJ, com
curadoria de Denise Mattar*

Roma Drumond, *Dupla 1*
Foto: Divulgação





Pedro Tebyriçá

Foto: Divulgação

Unidos pelos laços sanguíneos e artísticos, Roma Drumond, Pedro e Antonio Tebyriçá, mãe, pai e filho, apresentam seus trabalhos em *“TrianguLAR”*, mostra que será inaugurada no dia 6 de junho, às 18h. Suas pinturas e esculturas ocuparão os espaços expositivos da Galeria Patrícia Costa, em Copacabana.

“Embora tenham trabalhos bastante distintos e particulares, é possível observar desdobramentos e envolvimento que permeiam a produção do trio”, afirma a curadora, que define o perfil de cada um.

“Roma Drumond é herdeira da Op-Art, movimento oriundo do concretismo, que, na década de 1960, decretou o fim da pintura de cavalete e da escultura figurativa, convidando o público a participar de novas experiências estéticas, cinéticas, interativas e sensoriais. Seu trabalho conciso e preciso se estrutura em elementos que mesclam escultura e pintura oferecendo possibilidades visuais instigantes, criando uma dança na qual visitante e obra formam um par”.

“O trabalho de Pedro Tebyriçá remete de imediato ao grupo argentino Madi que, embora pioneiro no concretismo, sempre manteve uma certa informalidade e uma

liberdade no uso da forma, da cor e da própria pincelada. Não por acaso Pedro deixa aparente, com muita sutileza, as diferenças cromáticas resultantes dos diversos tipos de tinta... São construções complexas e por vezes dispersas, que caracterizam a liberdade interior que permeia a sua produção”.

“Frequentando exposições desde pequeno, até a exaustão, Antonio não queria ser artista, mas não conseguiu escapar ao chamado. Entretanto, seu trabalho não se prende a pesquisas formais, mas ao gesto, à cor e à textura. Praticante de skate, Antonio vivencia as manobras radicais do esporte como experiências pictóricas. Na velocidade e nos rápidos movimentos vê formas, luzes e cores que se deslocam, se misturam e se espalham. E as suas telas absorvem essas manobras, os cortes abruptos, os acúmulos de matéria e o espraçamento de cores. Um certo humor ácido permeia sua produção, capaz de gerar uma obra enorme, composta de retalhos de imagens belas, mas distorcidas que ele intitula Fake News”.

SERVIÇO

“TRIANGULAR” – Roma Drumond, Pedro Tebyriçá e Antonio Tebyriçá

Abertura: 6 de junho das 18h às 21h

Visitação: de 7 de junho a 2 de julho

Galeria Patricia Costa

Av. Atlântica, 4.240/lojas 224 e 225, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ



Antonio Tebyriçá

Foto: Divulgação

Tels.: (21) 2227-6929 / (21) 98868-1993

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 11h às 19h;
aos sábados, das 11h às 17h

Classificação livre | Entrada franca

www.galeriapatriciocosta.com.br

[@galeriapatriciocosta](https://www.instagram.com/galeriapatriciocosta)

A CIDADE NÃO SABE SEU NOME

na Oá Galeria, Vitória, ES





Fredone Fone, *Sem título*, série *Desapareço e volto quando quero*, 2024

Bárbara Bragato, Bruno Zorzal, Raquel Garbelotti e Tom Boechat são os artistas da mostra "*A cidade não sabe seu nome*", coletiva da OÁ Galeria, em Vitória. A exposição, que tem como ponto de partida a memória da cidade e os vestígios da Ilha da Pólvora, mergulha nas profundezas da história urbana e das narrativas ocultas que permeiam o cotidiano.

A mostra faz menção ao projeto "*não sair até o rojão estourar*", idealizado pela curadora Clara Pignaton em 2021 na Ilha da Pólvora, e reúne obras que exploram a atmosfera e os desafios da vida urbana, destacando a desconstrução dos limites entre o coletivo e o individual, entre o perceptível e o desconhecido.

Bruno Zorzal e Raquel Garbelotti participaram do Projeto na Ilha da Pólvora, convidados por Clara Pignaton;



Raquel Garbelotti, *Aroeira*, série *Invasoras*, 2024

Bárbara Bragato documentou a ocupação, e Tom Boechat realizou uma incursão posterior ao local onde produziu fotografias que fazem parte de sua série "*A ficção dos dias*".

"*A cidade não sabe seu nome*" convida o público a refletir sobre a potência da imagem fotográfica, a fragilidade da memória e as lacunas na linguagem, enquanto mergulha em ruínas não apenas arquitetônicas, mas também discursivas. Os artistas desafiam as fronteiras da representação e da percepção, revelando histórias entrelaçadas e narrativas fragmentadas.

Com o texto crítico de Bianca Dias como guia, a exposição oferece uma visão densa e provocativa das obras, que dialogam entre si e com o espectador, apontando para uma dimensão de futuro e resgatando

as subjetividades aniquiladas presentes nas cidades contemporâneas.

Paralelamente, no *Projeto Mezanino*, o artista visual Fredone Fone apresenta uma série recente de colagens, expandindo os limites de sua expressão artística e convidando o público a explorar novas perspectivas.

SOBRE A OÁ GALERIA

Inaugurada em 2007 pela galerista Thais Hilal, a OÁ surgiu motivada pelo desejo de valorizar, difundir e contribuir com a construção de um olhar sensível para a arte contemporânea. Sua atuação acompanha o de-

envolvimento de artistas visuais e a difusão de suas obras em diferentes propostas e linguagens.

SERVIÇO

A cidade não sabe o seu nome, coletiva com os artistas Bárbara Bragato, Bruno Zorzal, Fredone Fone, Raquel Garbelotti e Tom Boechat

Até 19 de julho

OÁ Galeria

Av. César Hilal, 1180, loja 9, Praia do Suá, Vitória / ES

Tel.: (27) 99944-5001 | E-mail: contato@oagaleria.com.br

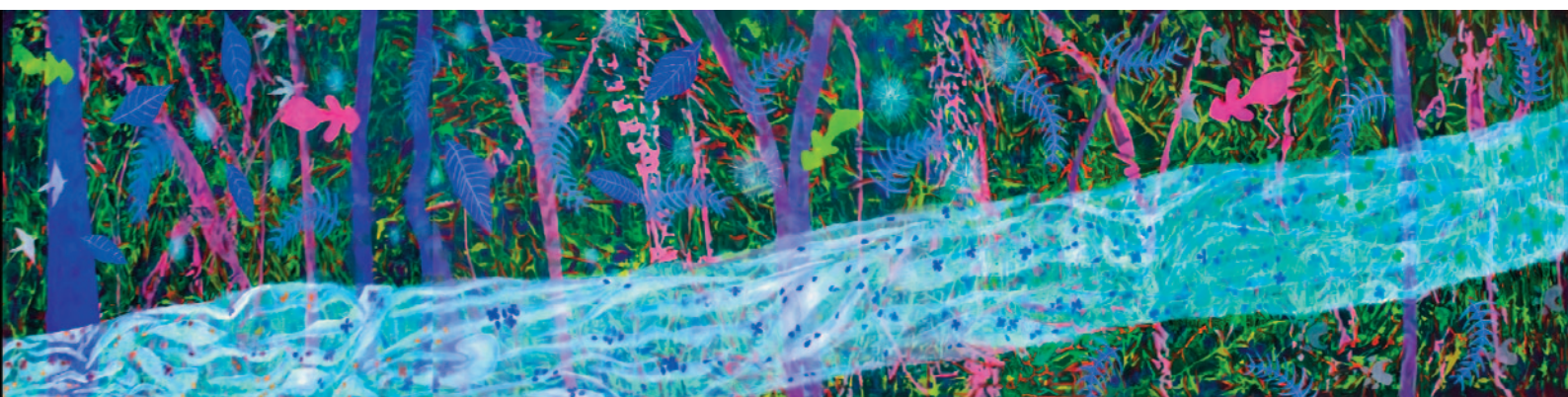
Instagram: [@oagaleria](https://www.instagram.com/oagaleria)

Dias/Horários:

segunda a sexta (exceto feriados), das 10h às 19h

Bruno Zorzal, *Sem título #16*, série *Impermanência*, 2024





Yolanda Freyre, *Thanatos e Eros*, 2022 /24

Foto: Divulgação

PINACOTECA BOTÂNICA, na Galeria Anita Schwartz, RJ

Até o dia 22 de junho, o espaço da galeria Anita Schwartz, na Gávea, abriga uma pinacoteca botânica. O ponto de partida é a gigantesca pintura inédita de Yolanda Freire (1940), “THANATOS E EROS”, produzida entre 2022 e 2024, em óleo sobre lona. Em torno dessa obra icônica da artista, com quase 6 metros de largura por 1,20m de altura, a curadora Cecília Fortes reuniu obras de outros artistas que também abordam a temática botânica

Com diferentes nuances, em estilos e mídias variados – pintura, escultura, fotografia e desenho – os trabalhos de Abraham Palatnik, Afonso Tostes, Bruno Vilela, Claudia Casarino, Claudia Jaguaribe, Claudia Melli, Duda Moraes, Esther Bonder, Farnese de Andrade, Fernando Lindote, Frans Krajcberg, Gabriela Machado, Maritza

Caneca, Noara Quintana, Pedro Varela e Rosana Palazyan completam a mostra.

Yolanda Freyre (1940) iniciou sua formação com Ivan Serpa (1923-1973) e Bruno Tausz (1939). Considerada uma das precursoras da performance no Brasil, fez em



Afonso Tostes, *As coisas que ainda existem / Exoesqueleto*, 2022
Foto: Divulgação



Fernando Lindote, *Quando o mundo era um grande rio*, 2024
Foto: Divulgação



Pedro Varela, *Sem título (Série noite)*, 2023
Foto: Divulgação

1974, no quintal de sua casa em Petrópolis *“A Hortênsia e a Galinha”*, um ato em homenagem aos desaparecidos políticos, como seu próprio irmão, morto pela ditadura brasileira. A importância da natureza para Yolanda – como as hortênsias, flores abundantes em Petrópolis e as montanhas – acompanham seu trabalho.

“Yolanda possui uma conexão profunda com a paisagem natural, que transborda sensibilidade. Ao nos apresentar a sua floresta, ela nos convida a conhecer um lugar sagrado, intimamente conectado às suas vivências. A história começa na década de 1970. Em frente à casa onde morou em Petrópolis havia uma montanha, uma presença forte da mãe natureza. Surgiu ali a primeira epifania: Yolanda observou que a montanha mudava de cor conforme a variação atmosférica e o seu estado de espírito – era roxa quando estava afetuosa e cinza quando sorria”, diz Cecília Fortes.

A segunda epifania se deu quando Yolanda Freyre visitou seu sobrinho, que mora em meio à mata atlântica. Ali, Yolanda *“sentiu a presença de seu falecido irmão, vítima da violência dos anos de ditadura no Brasil, pai de seu sobrinho. A partir desse momento, a floresta se tornou um lugar especial, de conexão e reencontro com seres queridos. Diante da grandeza do acontecimento, Yolanda decide pintar essa mata atlântica e, ao começar, entendeu que para contar sua história era preciso um grande painel para expressar o sentimento”, revela a curadora.*

Cecília ressalta ainda que a expressão *Nhe'ëry*, usada pelo povo guarani para denominar a mata atlântica, pode ser traduzida como 'lugar onde os espíritos se banham'. *"Talvez por essa razão, Yolanda incorporou ao painel um grande rio, o rio da vida, à primeira vista uma metáfora de nascimento e morte. E aqui ocorre a terceira epifania: na interpretação budista, a vida é um rio que corre no sentido do mar. E quando chega ao mar, ele não desaparece, ele se transforma, deixa de ser rio para se tornar mar, deixa de ser eu para virar nós", conclui.*

Pinacoteca botânica ocupa os dois andares da galeria.

SERVIÇO

"Pinacoteca Botânica"

Até 22 de junho

Anita Schwartz Galeria de Arte, Gávea, Rio
Rua José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea,
Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2274-3873 | 2540-6446

99603-0435 (whatsapp)

Entrada gratuita

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h,
e aos sábados das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br

Claudia Jaguaribe, *Série Flor do Asfalto*, 2023

Foto: Divulgação





Foto: Still divulgação

BRASIL VISUAL

Série reflete como as artes visuais brasileiras foram impactadas pelos acontecimentos dos últimos anos no país e no mundo. Pré-estreia acontece na Praça Luís de Camões (Praça do Russel), na Glória, RJ, no dia 22/6, e estreia será no dia 25/6 no Canal Curta!

Como os acontecimentos ocorridos nos últimos anos impactaram as artes visuais brasileiras? Este é o recorte da série “*Brasil Visual*”, dirigido por Rosa Melo, que estreia no dia 25 de junho, às 20h30, no Canal Curta! A pré-estreia, no dia 22, acontece na Praça Luís

de Camões (Praça do Russel), na Glória, RJ, às 17h, em um evento aberto ao público, com exibição de três episódios, mesa de conversa com alguns participantes da série e a presença de DJs convidados. Partindo das artes visuais, a série aborda temas que impactaram

toda a sociedade, como a pandemia de COVID-19, as manifestações que tomaram o país, a inteligência artificial, passando por temas como espiritualidade, a dualidade do mundo dos vivos e dos mortos, entre outros.

“Esse projeto fala sobre a vida através da arte, mostrando um pouco como a produção artística foi atravessada por questões tão importantes do nosso cotidiano”, afirma Rosa Melo, diretora-geral da série, que tem codireção de Lia Letícia. “Brasil Visual” é uma realização de Rosa Melo Produções Artísticas e AC Produções, BRDE, Ancine, FSA e Secretaria de cultura e economia criativa do Rio de Janeiro através da Lei Paulo Gustavo.

Com treze documentários, de 26 minutos cada, *“Brasil Visual”* traz entrevistas com artistas, pesquisadores, povos indígenas, povos de terreiro, entre outros. Dentre os 36 entrevistados, estão artistas contemporâneos e especialistas de todas as regiões do país, entre os quais, os artistas Cildo Meireles e Rosana Paulino; o curador e artista indígena Denilson Baniwa; a curadora, ativista indígena Guarani Sandra Benite; o neurocientista Sidarta Ribeiro; o pedagogo Luiz Rufino; a curadora, pesquisadora e crítica de cinema Kênia Freita; a autora, educadora e diretora da Redes da Maré Eliana Sousa Silva; o sacerdote, artista e pesquisador de simbologias e mitologias afro-brasileiras Bruno Balthazar, o Alápiní (sacerdote do culto dos Egunguns) Balbino Daniel de Paula.

Foto: Still divulgação



A série conta com trilha original do coletivo Chelipa Ferro nas vinhetas de abertura, passagem e encerramento e participação especial do artista Cabelo, como entrevistador-participante, que vivencia conversas com lideranças sem-teto, ritualizadores da ancestralidade e artistas de universos múltiplos. No mesmo fluxo coletivo que o programa incorpora para seus novos conteúdos, o performer entrevistador abre caminho para a polifonia de vozes que reivindicam seus lugares no tempo histórico em que a série é produzida. Vozes mortas, vozes vivas, humanas, minerais, eletromagnéticas, insubmissas.

“Brasil Visual” será dividida em três eixos temáticos: *“Do Invisível, Insubordinação e Distópicos do Presente”*. Cada episódio será marcado pela abordagem de um

tema e o comparecimento de uma coletividade que mantém esse tema vivo, seja nas vozes ancestrais que permeiam as obras em *“Do Invisível”*, nos corpos em luta que constituem o campo de florescimento das criações em *“Insubordinações”* ou na arte de desfuncionalizar os comandos da tecnologia contemporânea em *“Distópicos do Presente”*.

Nessa novíssima temporada, as produções artísticas brasileiras são montadas em relação intensiva com o ambiente que cruzam. As obras não ilustram um saber, mas nascem e participam da criação de saberes. Bem como o horizonte da coletividade apresenta-se enquanto um manancial de ideias para o conteúdo do programa, também o modo de produção dos episódios buscou ressoar esse alinhamento plural. Rosa Melo

Foto: Still divulgação





Foto: Stíll divulgação

conduziu a direção-geral da temporada para um arranjo de possibilidades de intervenções multidimensionais.

Quase uma década depois da primeira temporada, com novos protagonistas e novos temas, tendo as artes visuais como foco principal, *“Brasil Visual”* amplia o debate para questões fundamentais para toda população. *“Entre o intervalo de uma temporada para outra, o Brasil e o mundo enfrentaram conturbações de todas as naturezas e esse tremor se vê refletido na produção das obras, no pensamento dos entrevistados e na forma coletivizada que molda o programa”*, afirma Rosa Melo.

EIXOS TEMÁTICOS

“Do Invisível” tem sua abordagem conduzida a partir de processos artísticos e experiências de criação que tratam de fenômenos da natureza, que mostrarão que não a humanidade não está diante de subjetividades quaisquer, mas de forças vinculadas a espiritualidades e à dualidade vida/morte ancestralidade e tudo que de alguma forma trata dessas questões.

“Insubordinação” joga luz sobre questões ocorridas no país recentemente e como as pessoas ligadas à cultura lidaram com elas. Tem seu foco em ações artísticas, educativas, práticas sociais participativas e autônomas na área das artes visuais que abordam, de diferentes maneiras, lutas por direitos, questões decisivas da nossa formação histórica, tais como as lutas por terra,

vividas pelos povos indígenas e quilombolas, e as lutas por moradia, encampadas por diferentes movimentos e organizações sociais nas cidades brasileiras.

“A coletividade e os movimentos sociais e artísticos também são conteúdos presentes neste eixo, como, por exemplo, o uso dos meios de comunicação como ferramenta de resistência e mobilização de rede, como a Rádio Yandê, a primeira rádio indígena do Brasil, que nasce com a natureza coletiva de mobilização de comunicação, mas que também não perde a característica de ser uma ação artística”, conta Rosa Melo.

“Distópicos do Presente” fala sobre como os artistas pensam a passagem do tempo. A partir do marco histórico de Brasília, a série brinca com a ideia de progresso para falar de futuro.

“Esses três núcleos podem parecer completamente diferentes, mas se atravessam fortemente, apesar de algumas questões estarem mais centradas em alguns eixos”, diz a diretora.

SERVIÇO

Série Brasil Visual

Pré-estreia: 22 de junho, às 17h, na Praça Luís de Camões (Praça do Russel), Glória, Rio de Janeiro / RJ

Entrada gratuita

Estreia: 25 de junho, às 20h30, no Canal Curta!

Episódios: terças-feiras, às 20h30

Olhar de Cinema destaca obras
de HOU HSIAO-HSIEN,
um dos cineastas mais influentes dos últimos 40 anos



Foto: Reprodução

*Festival Internacional de Curitiba reapresenta na tela grande
oito produções do premiado diretor Hou Hsiao-hsien, que teve sua carreira interrompida
pelo Alzheimer, na Mostra Olhar Retrospectivo*

De 12 a 20 de junho, o *13º Olhar de Cinema – Festival Internacional de Curitiba* reunirá curtas e longas-metragens de todo o mundo nas salas de cinema da capital paranaense, com sessões no Cine Passeio, no Cinemark Mueller e na Ópera de Arame.

O evento, que é um dos principais festivais dedicados à sétima arte no Brasil, é composto por 10 mostras,

cada uma propondo um olhar diferente sobre as produções selecionadas e a forma de consumir o cinema.

Na Mostra *Olhar Retrospectivo*, um grande nome do cinema mundial é destacado, por meio de uma retrospectiva de suas obras e uma reflexão profunda sobre sua trajetória. Na edição 2024, o espaço será dedicado ao diretor Hou Hsiao-hsien, um dos mais influentes

cinastas dos últimos 40 anos e que, devido ao Alzheimer, anunciou em 2023 a interrupção, em vida, de sua impressionante trajetória cinematográfica.

“Queremos celebrar em vida a trajetória artística de um dos grandes mestres do cinema contemporâneo, promovendo a descoberta ou reencontro pelo público de suas obras na tela grande, com toda a opulência visual e sonora que o cinema de Hou Hsiao-hsien merece”, comenta Antonio Gonçalves Jr, diretor do Olhar de Cinema.

Oito dos 18 longas do cineasta foram selecionados, apresentando três fases de sua carreira: o estabelecimento de sua visão de mundo e do cinema nos anos de 1980; a consolidação de seu estilo e o reconhecimento mundial nos anos 1990; e suas obras de “maturidade”, do século XXI.

As produções que compõem a Mostra Olhar Retrospectivo são (sinopses):

“A Assassina”

(“CikeNie Yin Niang” | Taiwan | 2015 | 105’)

Durante a dinastia Tian, no século VIII, uma assassina profissional, Yinniang, treinada com os melhores mestres, é encarregada de matar um homem do governo, mas não consegue cumprir sua missão quando o vê segurando um bebê recém-nascido. Pela sua covardia, ela é punida com o castigo de matar o próprio primo, por quem é apaixonada e estava destinada para se casar desde a adolescência.

“Café Lumière” (“Kôhijikô” | Japão | 2003 | 108’)

Uma jovem pesquisadora japonesa está realizando

uma ampla análise sobre a vida e a obra de um compositor taiwanês. Porém, para terminar sua tese, ela terá que encontrar o café onde o músico costumava ficar, mas essa missão pode ser complicada.

“Millennium Mambo”

(“Qian xi man bo” | Taiwan | 2001 | 119’)

No começo de um novo milênio, em 2011, a jovem Vicky conta sua história a partir de 10 anos atrás, descrevendo sua juventude e as mudanças pelas quais estava passando. Na época, ela trabalhava com atendente em um bar e estava dividida entre dois homens, um era o seu chefe e protetor, enquanto outro era um cafajeste que a enganava.



Foto: Reprodução

“Adeus, Ao Sul”

(“Nanguozaijian, nanguo” | Taiwan | 1996 | 116’)

A cidade de Taipei vê o surgimento de todo tipo de criminosos por causa da grande transição política que Taiwan enfrenta. Esta é a história de dois pequenos criminosos da cidade.

“O mestre das marionetes”

(“Xi mengrensheng” | Taiwan / 1993 / 142’)

O mestre de marionetes Li Tian-lu conta a história de

sua vida e como era Taiwan na primeira metade do século XX.

“Cidade das tristezas”

(“Beiqingchengshi” | Taiwan | 1989 | 157’)

O filme acompanha, nos primeiros anos de República da China, na Taiwan de 1945, a queda da família do patriarca Lin Ah-lu. O primogênito da família, Wen-heung lida com o nascimento de seu primeiro filho, enquanto lidera o restaurante da família, que é a fonte de renda. O irmão do meio, que tem problemas psicológicos causados pela guerra, logo começa a fazer negócios com a máfia de Xangai, enquanto o caçula surdo, Wen-ching, é atuante da resistência. Em fevereiro de 1947, mais de 20 mil habitantes são mortos numa rebelião e a família de Lin é tragicamente modificada.

“Poeira ao Vento”

(“Liànliàn fēngchén” | Taiwan | 1986 | 109’)

Um homem e uma mulher parecem ser o par ideal do outro entre todos os habitantes da cidade. O único problema é que eles não estão juntos e parece que nem o tempo e o destino darão sinais que eles conseguirão se encontrar.



Foto: Reprodução

“Tempo de viver e tempo de morrer”

(“Tóngniánwangshì” | Taiwan | 1985 | 138’)

O filme semi-autobiográfico de Hou Hsiao-hsien traz sua infância e adolescência em Taiwan, lidando também com as mortes de seu pai, sua mãe e sua avó.

A 13ª edição do Olhar de Cinema – Festival Internacional de Curitiba é realizada por meio do programa de apoio e incentivo à cultura – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba, sendo também o projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura - Governo do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo, e pelo Ministério da Cultura – Governo Federal, com patrocínio do Itaú e Peróxidos Brasil, apoio do Instituto de Oncologia do Paraná, Sanepar, Cimento Itambé, Favretto Mídia Exterior, e apoio cultural de Projeto Paradiso, Cine Passeio, Instituto Curitiba de Arte e Cultura. Verifique a classificação indicativa de cada filme e sessões com acessibilidade de audiodescrição.



SERVIÇO

13º Olhar de Cinema – Festival Internacional de Curitiba

12 a 20 de junho

Cine Passeio, Cinemark Mueller e Ópera de Arame

Site oficial: www.olhardecinema.com.br

Redes Sociais:

Instagram: www.instagram.com/Olhardecinema

Facebook: www.facebook.com.br/Olhardecinema



Foto: Reprodução

Peguei um trem amarelo e prata com a arte na cabeça e fui até Amsterdã!

Texto e Fotos: Maria Hermínia Donato

Buscando evitar aeroportos e ajudar o planeta, embarquei em uma viagem de trem com a companhia Eurostar, partindo do coração de Londres, St. Pancras International, em Kings Cross. Em menos de quatro horas já me encontrava na estação central de Ams-

terdã, pronta para mergulhar na arte, rever a família e explorar tudo que essa cidade tem a oferecer.

A viagem de trem Londres-Amsterdã emite 80% menos carbono do que o voo equivalente. E pensar

que mais de quatro milhões de passageiros por ano voam entre Londres e Amsterdã, numa das rotas aéreas mais movimentadas da Europa! Na sua próxima viagem, pense no planeta.

Construída numa paisagem artificial, feita pelo homem, Amsterdã – como Veneza – é uma maravilhosa cidade erguida sobre um labirinto de antigos canais.

No começo, era um assentamento medieval próximo ao rio Amstel; no século XVI, era uma cidade murada delimitada pelos canais Singel e Kloveniersburgwal. E no século XVII foram construídos os principais canais: Herengracht, Keizersgracht e Prinsengracht, para evitar inundações, formando um padrão de teia de aranha que se estende pela cidade até hoje.

Depois dos “como vai e não me diga” trocados com minha sobrinha, enquanto eu tomava um cafezinho, fomos fazer compras no Zuidermarkt.

Trata-se de um pequeno mercado sem fins lucrativos que acontece todos os sábados na Jacob Obrechtstraat, e que oferece produtos orgânicos locais e sazonais. Organizado em cooperação com o bairro de Oud-Zuid, onde vizinhos entusiasmados ajudam como voluntários, é um lugar onde se pode fugir dos turistas e, como os moradores, tomar um café ou comer hamburger e panquecas, no meio de uma pequena praça.



Zuidermarkt

ARTE IMERSIVA, LÁ E CÁ

Confesso que não sou grande fã de arte imersiva dos grandes mestres da pintura. Reconheço, porém, que a expo *Bigger & Closer (not smaller & further away)* – em tradução livre, *Maiores e mais próximas* (em vez de *menores e mais distantes*) – dirigida pelo próprio artista, o inglês David Hockney, que hoje vive na França – é um sucesso no Lightroom de Londres. O artista utiliza uma nova linguagem independente, que cria um impacto sensorial que envolve o corpo todo. É algo bem distinto do padrão das mostras de grandes mestres que já existem por aí.

Já em Amsterdã, visitei a Fabrique des Lumières, uma antiga usina de gás transformada num grande centro de arte digital, que apresenta, no formato imersivo, Mestres Holandeses de Vermeer a Van Gogh. A mostra

reúne um total de 325 obras de arte de 50 artistas holandeses. As obras de Mondrian e *Natureza Morta*, a meu ver, são as que apresentam melhor sincronia entre imagem e som.

Agora me pergunto: quantas pessoas dessa plateia iriam visitar os grandes mestres holandeses nos museus?

FRANS HALS: QUASE ESQUECIDO, FOI INSPIRAÇÃO PARA VAN GOGH

Segundo a escritora Siri Hustvedt, quando nos deparamos como uma obra de arte, não somos apenas testemunhas da intenção do artista; somos livres para refletir, sonhar, questionar e teorizar. Em busca desse momento único e inesquecível entre mim e obra de arte – e consequentemente, o artista – fui ver a retrospectiva de Frans Hals (1582/84-1666) no Rijksmuseum.

Seu estilo livre e expressivo era único, quando comparado com a precisão e as superfícies lisas (que quase não mostravam as pinceladas) dos seus contemporâneos. Hals passou todos os 80 anos de sua vida em Haarlem, cidade próxima de Amsterdã. Ganhou reconhecimento artístico aos 30 anos; mas, apesar do sucesso, permaneceu esquecido (século XVIII) até o Impressionismo e outros movimentos que favoreciam pinceladas livres. Van Gogh o considerava seu precursor.

O retrato de Cunera van Baersorp, com uma das mãos na cintura – uma pose incomum em retratos femininos,

em que Hals subverte a maneira de retratar uma mulher, ao retratá-la numa pose de poder e de igualdade masculina. Seus contemporâneos observavam esse poder que emanava das suas pinturas, principalmente nas de grandes formatos. Isso fica evidente no retrato do rico comerciante Willem Heythuysen e nas pinturas de guardas cívicos.



Frans Hals, *Retrato de Cunera van Baersorp*



Frans Hals, *Young woman* ("La Bohémienne")



Frans Hals, *Laughing boy with a wine glass*

Além dos retratos, Hals pintou pessoas que encontrava nas ruas de Haarlem: pescadores, crianças, trabalhadoras do sexo, pessoas com deficiências mentais. Todas são retratadas sorrindo um desafio, porque as feições mudam com o riso. Sua maneira rápida e livre de pintar favorece o registro natural do sorriso.

A pintura *Retrato de Catharina Hooft* com sua enfermeira – óleo sobre tela, 1619-1620 – é um raro retrato de uma criança com sua ama de leite. Catharina Hooft é retratada como uma princesa, porém o nome da enfermeira permanece desconhecido.

Retrato de um Homem com Chapéu Caído (c. 1660), um dos últimos retratos feitos pelo artista, exibe o estilo mais livre de Hals – com menos detalhes, mas também com a pose do braço nas costas da cadeira – detalhe que está presente desde o início de sua carreira.

Que exposição maravilhosa!

VIDA REAL, ARTE PRESENTE

Saí do museu e passei no supermercado Albert Heijn; já no corredor de entrada, vi que os posters usam pinturas dos mestres holandeses com produtos promocionais inseridos nas obras.

Que viagem! De obras de arte em movimento nas paredes, tetos e chão, para uma experiência extraordinária das obras ao vivo e a cores – até chegarem à realidade da sociedade de consumo, na parede do supermercado. Não é à-toa que chamam Amsterdã de cidade de todas as liberdades.



Frans Hals, *Retrato de Catharina Hooft com sua enfermeira*



Frans Hals, *auto-retrato*
Foto: Reprodução

SERVIÇO

Zuidermrkt

O Zuidermrkt acontece na praça na esquina da Jacob Obrechtstraat com a Johannes Verhulststraat em Amsterdam Oud-Zuid.

Horário: todos os sábados das 9h30 às 17h

Tram número 3, 5, 12 Museumplein

Estacionamento local Q-Park Museumplein

www.zuidermrkt.nl

Fabrique des Lumières

Pazzanistraat 37, 1014 DB Amsterdam

Horário: das 10h às 17h, todos os dias exceto sexta e sábado, que fica aberto até às 21h, e domingo, até às 18h

www.fabrique-lumieres.com

Rijksmuseum

Museumstraat 1

1071 XX Amsterdam

Horário: todos os dias das 9h às 17h

www.rijksmuseum.nl

Restaurantes

Blushing

Paulus Potterstraat 30A

1071 DA Amsterdam

www.enjoyblushing.com

George W.P.A.

Willemsparkweg 74

1071 HK Amsterdam

www.georgewpa.nl

De Kas

Kamerlingh Onneslaan 3

1097 DE Amsterdam

www.restaurantdekas.com

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868